

OPINIÃO PÚBLICA

Calúnias

"A calúnia é um assassino moral"
(Benjamin Constant, militar, engenheiro, professor e estadista brasileiro)

O papel da indústria alimentícia na conservação da sociobiodiversidade



Thaís Hiramoto

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

Dono da maior biodiversidade do planeta, o Brasil abriga mais de 20% das espécies da flora e da fauna terrestres. Engana-se, porém, quem pensa que toda essa riqueza se restringe aos fatores naturais: o país possui também cerca de 200 povos indígenas e diversas comunidades tradicionais que atuam em harmonia com a floresta para garantir sua sobrevivência, como os seringueiros, caçadores, quilombolas, extrativistas, ribeirinhos, pescadores e agricultores familiares.

Foi desse convívio harmonioso que surgiu o conceito de sociobiodiversidade, que define a relação das cadeias produtivas das florestas com os povos tradicionais da região. O objetivo é conservá-las e, ao

mesmo tempo, fazer o uso sustentável dos produtos da biodiversidade – muitos deles, utilizados pela indústria alimentícia.

Para citar alguns exemplos, podemos destacar as manteigas e os óleos obtidos a partir de frutos e sementes como o cupuaçu, a castanha-do-Brasil, o coco licuri, o açaí e o maracujá. Eles podem ser acrescentados em receitas tradicionais do dia a dia para fazer pães, bolos, cookies, molhos e maioneses, em busca de fortificar nutricionalmente os alimentos, além de proporcionar sabores exclusivos.

No entanto, nesse contexto de sociobiodiversidade, qual é o papel das empresas do setor alimentício? Certamente, não se resume a fazer o uso de ingredientes naturais na composição de produtos finais nem à preocupação com a sustentabilidade que eles podem oferecer, mas sim, a um fator importantíssimo: a forma como os insumos são coletados na natureza. As companhias devem garantir que esse processo

ocorra de forma sustentável, de modo que as florestas fiquem em pé e haja recursos naturais suficientes para as próximas gerações.

Outra questão relevante é a parceria direta com as comunidades locais, geralmente responsáveis pelo plantio, pela colheita e pela coleta dos frutos. Manter essa forma de atuação, além de conservar os biomas, faz com que os produtores locais tenham um trabalho, uma fonte de renda justa e digna. E, mais que isso, faz com que descubram o verdadeiro valor da floresta viva e, assim, atuem em sua defesa, contra o desmatamento e em prol de um desenvolvimento econômico local e sustentável.

Frente a esse raciocínio, só temos uma conclusão: cada vez mais, as indústrias do setor alimentício precisam considerar os fatores sociais e ambientais em suas estratégias de atuação, com soluções inovadoras, viabilidade econômica e com a compreensão da sua importância no movimento de con-



servação de toda a riqueza da sociobiodiversidade brasileira.

(Thaís Hiramoto é especialista em sustentabilidade da Concepta Ingredients, Unidade de Negócio do Grupo Sabará especializada no desenvolvimento de soluções naturais e tecnoló-

gicas, com foco nas indústrias de alimentos, bebidas, nutrição animal e farmacêutica veterinária. Desde maio de 2017, a Concepta Ingredients oferece ao mercado de food service uma linha de manteiga e óleos vegetais sustentáveis, direcionada a hotéis, restaurantes e cafeterias (Horeca).)



Liberato Póvoa

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

O fantasma de Bolsonaro está assustando muita gente

O Brasil está saturado de político ladrão, de quadrilhas muito bem formadas, institucionalizadas para rapinar o povo, pois pagamos pesados impostos para ver nosso dinheiro sendo desviado de obras e serviços públicos e entrando pelo ralo, este verdadeiro saco-sem-fundo, que é o bolso dos insaciáveis políticos.

Ninguém aguenta mais ver esses caras-de-pau aparecerem na TV, nos horários eleitorais, propagandeando coisas que prometeram, mas esqueceram-nas nos palanques. E vêm, desavergonhadamente, preparando o eleitor, ou melhor, o idiota de plantão, para capturar o precioso voto que os reconduzirá às mordomias de uma classe diferenciada, que trabalha quatro anos e se aposenta com polpudos proventos, em verdadeira afronta ao trabalhador, que rala de sol a sol mais de trinta anos para receber uma esmola e ainda ficar refém de uma corja de desalmados "representantes" do povo, que sugam o que podem na maior desfaçatez.

Quando esses políticos aparecem na TV com largos e estudados sorrisos, a gente fica na dúvida: estão sorrindo pra gente ou rindo da nossa cara?

Hoje, nesse Legislativo brasileiro, conspurcado de origem, desde as Câmaras de Vereadores às duas casas do Congresso, passando pelas Assembleias Legislativas, é preciso usar uma lupa de alto alcance para vislumbrar um só membro que seja honesto, como se a honestidade fosse qualidade, quando é apenas obrigação.

Em esse sentimento, que já estava aninhado no Executivo, atinge a alta cúpula do Judiciário, outrora o mais confiável dos Poderes da República. Mas hoje, a cada julgamento, o jurisdicionado fica torcendo para que a Justiça seja feita, pois os tribunais, quase sem exceção servem é para acomodar situações, numa vergonhosa troca de indicações por decisões, um criminoso e explícito tráfico de influência.

Em mais uma crítica ao momento de perda da credibilidade na política, o ex-presidente do STF Joaquim Barbosa afirmou que "não sabe como os três maiores partidos do Brasil ainda terão coragem de lançar candidatos" para as próximas eleições. "Acredito que haverá um repúdio enorme aos candidatos desses três maiores partidos – PMDB, PSDB e PT", disse, em entrevista à rádio CBN, na noite do último dia 20 de novembro.

Não venham com essa história de que o Brasil começou a cair na

sua credibilidade depois do governo petista, pois o que vemos hodiernamente é que a quadrilha que se instalou nos três Poderes apenas se aperfeiçoou: na cúpula de hoje não se pode, em sã consciência, afirmar a honestidade de ninguém, com raríssimas exceções, neste oceano de falcas. Que houve canganchas e corrupção no governo petista, ninguém duvida; mas as que apareceram no governo que se lhe seguiu até me arrisco a dizer que são indubitavelmente maiores, pois pode-se dizer que Lula, como iletrado, estaria sujeito a ser ludibriado; mas o mesmo não se pode dizer de Temer e sua corja, pois se trata de um esclarecido constitucionalista, que pratica seu assalto ao Erário conscientemente, ignorando os crimes que pratica, aconchavados em jantares no Palácio do Jaburu.

As eleições de 2018 serão muito parecidas com as de 1989, que sucederam a ditadura militar no Brasil, pela pulverização de candidatos, esfacelamento das instituições, decadência moral e perda de credibilidade, como entende Joaquim Barbosa, que – queiramos ou não – fez parte de um momento que talvez tenha sido o apogeu do STF em sua história, quando, sob sua batuta, o Supremo soube estar à frente de seu tempo e também à frente da sociedade brasileira, que é conservadora em muitos aspectos.

As pesquisas, encomendadas ou não, sempre apresentavam Lula como imbatível para disputar a presidência da República, ganhando, de longe, já no primeiro turno, de pré-candidatos que afoitamente se apresentavam como solução. Mas sabe-se que a grande preferência de Lula é fruto de uma bem organizada orquestra de sindicatos, entidades clandestinas sem CNPJ e grupos de beneficiados pelas benesses, como artistas que mamaram na Lei Rouanet. Fazem muito barulho e seguramente direcionam as pesquisas, como se o ex-presidente fosse a única solução. Comparo-os a um tambor: muito barulho e nenhum conteúdo.

Mas de uns tempos para cá, depois de o brasileiro cogitar até de uma solução intervencionista, prescrevendo para o Brasil o mais amargo dos remédios, com os homens de temo verde e botões dourados surgindo para fazer um "pente fino" na corrupção, aparece para dar um freio ao descalabro, o nome do deputado Jair Bolsonaro, que já começou a incomodar, não pelo seu perfil de um dos 513 deputados, pois aparentemente a sua capacidade



pode ser menos atraente entre seus pares, pontificando como ferrenho defensor da moralidade, do combate à corrupção e da quebra de certos parâmetros criados pela política suja que vem enlameando o nome do nosso país. Mas o que não lhe falta é a coragem.

Acusam o deputado Jair Bolsonaro de empreender um enorme esforço para suavizar seu perfil, dizendo que ele tenta vestir pele de cordeiro, que se tomou conhecido pela truculência, pelos raivosos ataques às minorias, pelas ofensas às mulheres, aos homossexuais, pela defesa radical da tortura e dos regimes autoritários e pela necessidade de se armar o cidadão para fazer face à bandidagem que nos confina em casa, quando eles é que deveriam estar confinados nos presídios.

Dizem que, até hoje, Bolsonaro conseguiu se eleger graças aos votos de pessoas aparentemente tão preconceituosas quanto ele, e as que não o são, transmitem a impressão de estarem inebriadas pelo novo fenômeno eleitoral – os olhos vidrados e a postura quase catatônica de seu séquito, a entoar "mito, mito, mito" a cada aparição de Bolsonaro pelas capitais do País e no desembarque nos aeroportos. As imagens falam por si.

Aproveitando-se da crise de segurança e a escalada da corrupção para ampliar sua faixa de simpatizantes, Bolsonaro cresce, e, mais

moderado, apresenta-se como o candidato ideal à Presidência para quem perdeu a confiança na política tradicional. Com isso, já aparece em segundo lugar nas pesquisas de opinião, atrás somente do ex-presidente Lula, cujos embates judiciais certamente comprometerão sua candidatura.

Comete erro grosseiro quem não dá importância à ascensão do ex-capitão do Exército. Ele sabe que grassa no eleitorado um sentimento de desolação e, por isso, tomou-se um fenômeno nas redes sociais, com milhões de seguidores, além de admiradores fieis. Trata-se, segundo seus rivais, de um mito com pés de barro.

Suas declarações, evidentemente, podem ser contraditórias e aparentemente parece despreparado para o exercício das altas funções do Executivo. Mas, digo de cadeira, pois vivi a época do regime militar, na década de setenta, e trabalhei na equipe de Jarbas Passarinho, que diziam nada entender de educação, mas soube escolher uma equipe de técnicos, tendo sido um dos melhores ocupantes daquela pasta. Da mesma forma, qualquer presidente bem intencionado pode fazer o mesmo.

Não é novidade que Bolsonaro tem o pavio curto, mas é visível seu esforço para se tornar mais palatável para o mercado financeiro e a elite empresarial.

No seu editorial do dia 21 de novembro último, o "Estado de São Paulo", cujo candidato é declarado o desgastado Michel Temer, disse:

"Há muito pouca diferença entre Lula e Bolsonaro quando o tema é economia. Ambos defendem um nacional-desenvolvimentismo semelhante ao do regime militar, cuja adoção pelos governos petistas foi determinante para a catástrofe que se abateu sobre o País. E ambos falam em rever o limite estabelecido para os gastos públicos.

Assim, uma eventual vitória de um ou outro teria como resultado não apenas uma profunda cisão na sociedade, o que já seria em si terrível, mas também a retomada do mais grosseiro populismo. Ainda há tempo para evitar esse funesto desfecho."

Mas um grande contingente de brasileiros, desiludidos com a política nojenta que se alimenta de propinas e corrupção, acordam querendo um motivo para não votar em Jair Messias Bolsonaro.

Aí, vem FHC e diz que tem medo de ele se eleger presidente. Vem Lula e diz que ele vai destruir todo o seu legado. Vem Renan e diz que ele não é um político em quem se possa confiar. Vem Ciro Gomes e diz que ele é um perigo. Vem a grande mídia, como a "Veja", a "Isto É", a "Rede Globo", a "Globo News", a "Folha de São Paulo", e fazem extensas reportagens demonstrando o perigo da eleição de Bolsonaro.

Então só se pode concluir, se toda esta gente está unida e contra ele, é porque ele é pelo menos diferente, corajoso o suficiente para podar as asas dos pilantras, e só isto já dá uma grande esperança de ver o país livre destes salafraios, pois estamos cansados desses políticos de meia tigela, que, em nome de seus interesses pessoais, afundam cada vez mais o Brasil.

É por estas e outras razões que muita gente nesse Brasil desesperado deposita sua esperança em Bolsonaro, que, pelo menos, parece não estar comprometido com quadrilhas e esquemas, mas, em compensação, está tirando sono de muita gente.

(Liberato Póvoa, Desembargador aposentado do TJ-TO, Membro-fundador da Academia Tocantinense de Letras e da Academia Dianopolina de Letras, Membro da Associação Goiana de Imprensa - AGI - e da Associação Brasileira de Advogados Criminalistas - ABRACRIM - escritor, jurista, historiador e advogado, liberatopovo@uol.com.br)